



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-DCH- VI
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS VERNÁCULAS E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

ELIENE DA SILVA TEIXEIRA

**PIBID: AS ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO DA LEITURA
PROMOVENDO A FORMAÇÃO DE LEITORES E CONTRIBUINDO
PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**CAETITÉ
2015**

ELIENE DA SILVA TEIXEIRA

**PIBID: AS ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO DA LEITURA
PROMOVENDO A FORMAÇÃO DE LEITORES E CONTRIBUINDO
PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Monografia apresentada ao colegiado do curso de Letras Vernáculas da UNEB-Campus VI como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Kátia da Costa Pina

**CAETITÉ
2015**

ELIENE DA SILVA TEIXEIRA

**PIBID: AS ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO DA LEITURA
PROMOVENDO A FORMAÇÃO DE LEITORES E CONTRIBUINDO
PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Monografia apresentada ao colegiado do curso de Letras Vernáculas da UNEB-Campus VI como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.^a Dr.^a Patrícia Kátia da Costa Pina

Rubrica

Examinador: Prof.^a Mrs.^a Aparecida de Fátima Brasileiro Teixeira

Rubrica

Examinador: Prof.^a Rozânia Alves Magalhães Silva

Rubrica

A meus pais José Augusto da Silva e Otília de Lourdes Dias da Silva, exemplos de sabedoria, pela dedicação, apoio, e confiança depositados em mim...

A Suzimar, meu esposo, pela confiança, gratidão, companheirismo, incentivo e compreensão nos momentos de ausência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Altíssimo Senhor, que me deu fortaleza e sabedoria e que incansavelmente guia o meu caminho e me protege do mal.

A meus pais José e Otília, base de tudo em minha vida, pelo apoio incondicional, pelas motivações e conselhos.

A meus irmãos Leidilene, Marcos e Josiel, companheiros de caminhada, pela amizade e força.

A meu esposo Suzimar, companheiro fiel, pela paciência e amor dedicados a mim.

A meus avós Maria, Antônio (*in memoriam*), Joaquim, e Benedita (*in memoriam*) pelo exemplo de vida e de sabedoria.

Aos meus sogros Otelino e Terezinha por acreditarem na minha conquista.

A minha primeira professora Luzia, tia e amiga, pelo exemplo e carinho.

A minha orientadora e a amiga Patrícia Pina, pelos ensinamentos, comprometimento e orientação, pela confiança e amizade.

A Ginaldo, diretor deste departamento, pelo comprometimento e confiança.

Aos professores do curso de Letras pela marca de cada aprendizado, conhecimento e amizades deixados.

Aos funcionários do *campus VI*, que propiciaram um ambiente mais amigável e agradável no interior da UNEB.

Ao colegiado de Letras, na pessoa de Delma, pela amizade e colaboração.

As minhas colegas de curso, pela caminhada, e desafios compartilhados.

Aos amigos, pela amizade, companheirismo e aconselhamentos prestados.

Enfim, obrigada a todos que diretamente ou indiretamente, contribuíram para o meu percurso acadêmico que Deus proteja a vocês.

RESUMO

Este trabalho vem investigar como o PIBID/UNEB/DCH VI, com suas práticas inovadoras, tem contribuído para a formação do leitor no Instituto de Educação Anísio Teixeira- IEAT, e como essas experiências têm repercutido positivamente na formação acadêmica dos graduandos bolsistas. Para isso, buscamos coletar dados de três relatórios cedidos por nossos colegas bolsistas que correspondem ao ano de 2012, quando o subprojeto: O PIBID formando leitores na sala de aula sertaneja foi aplicado no Instituto de Educação Anísio Teixeira - IEAT em Caetité- BA. Buscamos aportes teóricos em autores como Pina (2012), Yunes (2009), Costa (2007), Freire (1989), Colomer (2007), Lajolo (2004), etc. que discutem a importância da leitura e a formação de leitores, bem como autores como Vicinni, Vale, Freire, Berger Filho, Amorim e os PCN de Língua Portuguesa que remetem à educação e à formação do professor, e para discutir PIBID buscamos a página da CAPES e algumas dissertações. Assim após análise dos relatórios podemos compreender que a prática contínua do PIBID traz forte experiência para a formação de professores bem como para a formação de leitores.

ABSTRACT

This work is to investigate how the PIBID/UNEB/DCH VI, with their innovative practices, has been contributed to the reader's training in Instituto Educacional Anísio Teixeira- IEAT, and how these experiences have been reflected positively in academic graduate fellows. For this, we seek to collect data from three reports ceded by our colleagues stock corresponding to year 2012, when the subproject: the PIBID readers training in hinterland classroom was applied in IEAT in Caetité - BA. We seek theoretical support in authors such as Pina (2012), Yunes (2009), Costa (2007), Freire (1989), Colomer (2007), Lajolo (2004), etc, that discussing the importance of reading and the reader's training and authors as Vicinni, Vale, Freire, Berger Filho, Amorim and the PCN of Portuguese Language that refer to education and teacher education, and to discuss PIBID seek the page CAPES and some dissertations. So after considering the reports we can understand that the practice continues the PIBID brings strong experience to train teachers and to the reader's training.

Keywords: PIBID. Teacher. Reader training.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO-----	10
2.	A PERSPECTIVA HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DOCENTE CAETITEENSE E O LUGAR DO PIBID.-----	13
2.1	A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE EM CAETITÉ-----	14
2.2	A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO-----	15
2.3	INDÍCIOS DE FORMAÇÃO LEITORA-----	19
2.4	O PIBID-----	22
3.	O PIBID E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DE LEITORES EM CAETITÉ-----	27
3.1	O <i>CORPUS</i> DO TRABALHO: OS RELATÓRIOS DO PIBID-----	28
3.2	PROPOSTAS DE FORMAÇÃO LEITORA NO PIBID-----	36
3.3	PRÁTICAS DE FORMAÇÃO LEITORA: RESULTADOS E DISCUSSÕES-----	39
4.	PROFESSORES E LEITORES: MARCAS DO PIBID-----	43
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	46
	REFERÊNCIAS-----	48

LISTA DE SIGLAS:

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior

CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DCH- Departamento de Ciências Humanas

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

HQ- Histórias em quadrinhos

ID- Iniciação a Docência

IEAT- Instituto Educacional Anísio Teixeira

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

MEC- Ministério de Educação e Cultura

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência

SAEB- Sistema de Avaliação da Educação Básica

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de uma inquietação nossa, a respeito da formação de leitores entre estudantes da Educação Básica e entre docentes. Por isso, almejamos realizar essa pesquisa, buscando não a resolução dos inúmeros problemas que ancoram a formação leitora na educação, mas considerando a sua pertinência. Não podemos negar que tem sido um desafio delinear cada página deste TCC, pois sabemos a complexidade das tramas da formação leitora no contexto educacional. Por isso, fizemos um recorte para analisar um dos mais novos programas governamentais de formação docente: O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - PIBID. Ele é um programa do governo federal que não completou uma década de implementação em nível nacional, mas trouxe resultados significativos em variadas áreas de conhecimento, incentivando os graduandos a atuarem na sala de aula do ensino básico, buscando assim, desenvolver práticas que colaborem para o bom desenvolvimento da escola.

A nossa pesquisa surge instigada pelo desenvolvimento do subprojeto PIBID no Instituto de Educação Anísio Teixeira - IEAT, situado na cidade de Caetité-Ba. Durante toda a trajetória do subprojeto nesse colégio fomos observando como o PIBID colaborava para a formação leitora dos graduandos bolsistas e como estes estavam instrumentalizando a sua prática, formando leitores entre os estudantes com os quais atuavam. E diante das possibilidades de pesquisas optamos por desenvolver esta com esse caráter de provocação para novos e diferentes estudos, pois como sabemos, o PIBID é um programa recente na região e que continua sendo revisto em âmbito local, regional e nacional, mas que já reflete algo aparente do que se almeja na educação brasileira, especialmente no que tange à formação de leitores.

O problema com o qual lidamos, aqui, é: como formar leitores através das ações desenvolvidas pelos bolsistas de Iniciação a Docência-ID no IEAT? Esse problema traz uma teia de questões: os bolsistas ID são objeto de formação leitora na Universidade? Como o PIBID contribui nessa formação leitora? Que aspectos pedagógicos, sociais, administrativos, educacionais estão intrincados nesse processo de formação de leitores na Escola e como o PIBID pode gerenciá-los, de maneira a construir pontes de formação leitora entre os estudantes da Educação Básica?

Considerando que os fundamentos educativos promovem caminhos diferentes para o desenvolvimento social, cultural e cognitivo dos cidadãos, torna-se necessário relacioná-los aos fatores que constroem uma boa educação: escolas estruturadas, professores capacitados e

competentes, alunos interessados etc. Desse modo, relacionamos a escola tradicional à escola moderna. Os paradigmas tradicionais justificavam que uma boa educação deveria ser ancorada a práticas preestabelecidas no conservadorismo do ensino-aprendizagem, ou seja, centrado no professor que ensina por meio da “educação bancária” e por meio do aluno que aprende no papel de “receptor”. O conceito de leitura aí implicitado e praticado no cotidiano de muitos docentes corresponde à noção simplificadora de decodificação e domínio linguístico, distanciando-se muito da perspectiva de leitura do mundo de Freire (1989), Yunes (2009), entre outros.

Partimos da hipótese, então, de que é necessário humanizar as relações escolares, criando laços afetivos entre estudantes e diferentes formas textuais, para que possamos formar leitores. Nessa perspectiva o PIBID de Letras em Caetité, através de suas variadas ações, parece contribuir significativamente para a formação leitora, tanto dos estudantes do IEAT, como dos bolsistas ID, uma vez que visa a relação potencializadora entre: professor e aluno, trabalhando juntos na luta por uma educação de melhor qualidade.

Para o recorte dessa pesquisa objetivamos compreender como o PIBID e as variadas estratégias de mediação da leitura aplicadas pelos bolsistas IDs nas salas de aula do IEAT têm proporcionado a formação do leitor e como essas experiências tem repercutido positivamente na formação acadêmica dos graduandos bolsistas. Para o desenvolvimento desta pesquisa, de natureza qualitativa, foram utilizados, prioritariamente, os métodos documental e bibliográfico: estudamos a história da educação caetiteense, a história do PIBID, os fundamentos educacionais nele implicitados, além de analisarmos três relatórios de bolsistas ID.

Esse método de investigação nos permitiu coletar dados com maior precisão. Assim, estudamos os relatórios dos bolsistas IDs comparando e relacionando as experiências desses bolsistas no que diz respeito à formação leitora dos alunos da educação básica e a formação do professor.

Essa pesquisa foi dividida em etapas, a primeira parte foi de levantamento bibliográfico: leitura, fichamento dos textos e reflexão dos aspectos principais para fundamentar teoricamente a pesquisa, já a segunda etapa foi a análise documental, estudo dos relatórios de nossos colegas bolsistas identificando a contribuição das práticas inovadoras (estratégias) realizadas pelo PIBID para a formação de leitores no IEAT, depois observamos como a experiência no PIBID colabora na formação acadêmica dos bolsistas.

Assim esperamos estar cumprindo o que fomenta o problema proposto: “como o PIBID/UNEB/DCH VI, com suas práticas inovadoras, tem contribuído para a formação do leitor no IEAT? E como essas experiências têm repercutido positivamente na formação acadêmica dos graduandos bolsistas?”

Uma pesquisa é sempre resultado de uma inquietação e busca uma resposta. Pesquisar é buscar o conhecimento, é definir um perfil de socialização com novos saberes, é usar de técnicas e de procedimentos para desenvolvê-la.

Segundo Gil (1946, p.17), a pesquisa é desenvolvida:

Mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

Assim, esta pesquisa se fez indispensável a nós, que querendo produzir saberes, importamos em sentir o desejo de poder cumprir algo que foi instigante e perceber nos resultados que aquilo foi válido não só para o pesquisador como também para os que fizeram parte do objeto pesquisado. Ser sabedor que a pesquisa não termina por aqui é imprescindível, pois por não ser uma pesquisa fechada ela vem dar margens a inúmeras possibilidades de outros tantos estudos.

Podemos dizer, também, que essa pesquisa tem relevância social no que diz respeito ao incentivo à leitura e também como exemplo para outras instituições. Tem ainda uma justificativa científica, pois, por ser um tema atual, essa pesquisa vem preencher lacunas e serve também de incentivo a outras pesquisas. É também uma realização pessoal, porque parte de uma experiência com o PIBID e com certeza refletirá em nossa formação e atuação profissional futura.

2. A PERSPECTIVA HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DOCENTE CAETITEENSE E O LUGAR DO PIBID.

A formação de professores hoje é um tema muito discutido pela Universidade principalmente nos cursos de licenciatura, isso porque houve uma preocupação a respeito de como os professores estão atuando na prática da sala de aula. E também porque muitos professores, sentindo a necessidade de produzir saberes para sua prática, buscaram reivindicar seus direitos para a valorização de sua formação.

Acerca da formação de professores, os PCN de Língua Portuguesa justificam que os docentes devem abranger no ensino a interdisciplinaridade e o pensamento de formar sujeitos críticos e reflexivos e para tanto, se faz necessário ter:

preparo científico [...] técnico, humano, político-social e ético, suporte do compromisso de intelectual pesquisador, envolvido com as causas democráticas que estimulam a responsabilidade com a formação do homem-cidadão-profissional (MENDES, 2005, p.38)

E, além disso, propostas das LDB, aqui citadas por Berger Filho, simultaneamente concordam que:

A formação inicial como preparação profissional tem papel crucial para possibilitar que os professores se apropriem de determinados conhecimentos e possam experimentar, em seu próprio processo de aprendizagem, o desenvolvimento de competências necessárias para atuar nesse novo cenário. (2000, p.13)

É com esse novo pensamento que o projeto PIBID ganha lugar, surgindo com a perspectiva de mudança para a formação docente: o PIBID é uma proposta da CAPES que tem por objetivo formar professores através da prática, ou seja, os bolsistas tem a experiência de vivenciar a sala de aula desde os primeiros períodos da licenciatura. Depois de passarem pela seleção, os licenciandos são orientados tematicamente por professores universitários para levarem para a sala de aula, sob a supervisão de docentes regentes, diferentes perspectivas de abordagem de conteúdos, procurando assim melhorar a qualidade desse ensino.

Algumas das outras finalidades do PIBID são:

a) incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica; b) contribuir para a valorização do magistério; c) elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre a Educação Superior e a Educação Básica; d) inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; e) incentivar escolas públicas de Educação Básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e, f) contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. (SANTOS *apud* BRASIL, 2010, p. 3).

Muitas universidades aderiram a esse projeto e buscaram desenvolver subprojetos relacionados a diferentes áreas. Em Caetité, cidade pequena do interior da Bahia, registrou-se também uma perspectiva histórica para a formação docente, as políticas educacionais buscaram intensificar essa formação. Na Universidade Estadual da Bahia-UNEB, *campus* VI, os cursos de licenciatura buscaram preparar os professores por meio da pesquisa e da extensão, e só mais tarde, em 2011, é que aderiram à proposta do PIBID, começando pelos cursos de Ciências Biológicas e História e só em 2012 começa no curso de Letras.

No que abrange o curso de Letras Vernáculas, o PIBID tem um papel importantíssimo, o projeto permite aos bolsistas ID irem de encontro a sala de aula da educação básica e propor novas estratégias de mediação e provocação do aluno que se encontra em formação, tanto para o ensino da língua quanto da literatura. E o subprojeto PIBID foi pensado também com o objetivo de provocar o aluno para a leitura e instigá-lo a descobrir novos horizontes.

2.1 A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE EM CAETITÉ.

No sistema educacional de Caetité, a formação de professores se dava pelo até então conhecido Curso Normal, os alunos que tinham uma melhor condição financeira e/ou queriam exercer o ensino do magistério estudavam na Escola Normal de Caetité, voltada para a formação docente, e se ainda pretendessem ter uma melhor capacitação tinham que sair para a capital ou para outros estados. A Escola Normal de Caetité surge no ano de 1895 e permanece até 1962, quando passa a funcionar num outro prédio intitulado Instituto de Educação Anísio Teixeira- IEAT, sendo um dos cinco institutos existentes na Bahia. (IEAT, 2012).

Mesmo com a educação ainda precária, os professores se formavam objetivando serem sujeitos reflexivos, como está escrito no projeto do Cinquentenário de IEAT (2012, p.5) “o curso do Normal Médio, é um espaço possível de pensamentos sobre questões que têm relação com o real significado do ‘ser professor’ e não ‘do estar professor’”. Na década de 1980, o Padre Antônio Raimundo dos Anjos liderou a sociedade, no sentido de congregar iniciativas privadas esparsas, instaurando uma universidade com cursos de licenciaturas: a UNEB. Inicialmente abarcou o curso de Letras e atualmente conta com seis cursos: Letras Inglês, Letras Português, História, Geografia, Biologia e Matemática, capacitando para a formação docente muitos professores da região que abriga o sudoeste da Bahia.

A UNEB é de muita importância para os caetiteenses e os moradores de outras regiões, fundada no tripé ensino-pesquisa-extensão, colabora com a formação acadêmica docente e profissional. Os universitários são contemplados com bolsas de pesquisa e de extensão que permitem não só ficar preso ao espaço acadêmico, mas compartilhar e desenvolver a teoria-prática no ensino básico. Desde 2011, a essas formas de profissionalização inicial dos estudantes, juntou-se o PIBID, oferecendo bolsas ID, que garantem a atuação direta na Educação.

Dessa forma, os professores capacitados têm maiores expectativas de trabalho nas próprias escolas do município, e então a sua experiência conta muitos pontos. A maioria dos professores formados em licenciatura pela UNEB, hoje compõe o quadro de docentes da cidade de caetité. A UNEB tem contribuído para a formação de professores, pois desenvolve a pesquisa e a extensão o que permite ao licenciando experienciar o verdadeiro ato de ensinar.

2.2 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.

Os fundamentos educacionais que norteavam o currículo acadêmico propiciaram práticas que refletiram numa formação docente mais progressista, mas infelizmente muitos professores ainda continuam sem inovar a sua prática de ensinar, pois não definiram saberes docentes que fortaleceriam suas práticas, ou seja, em meio às inovações que surgem a todo o momento, o professor sente dificuldade para atender as demandas e os desafios que o dia a dia da escola exige. Não está, por exemplo, capacitado para lidar com uma sala heterogênea, na qual estão presentes alunos indisciplinados, desinteressados, e que não são leitores do impresso.

Assim, percebemos os inúmeros desafios que os professores têm enfrentado na sala de aula para formar leitores. Isso, porque a leitura literária está cada vez mais rareando nas nossas salas de aula, mas como Lajolo (2004, p.106) coloca:

a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos.

Só que na maioria das vezes são colocados “certos empecilhos” que justificam essa ausência de práticas leitoras na Escola e na vida: falta de tempo para ler, professores que declaram não terem sido formados leitores, ou a condição financeira que não lhes permite comprar livros, na escola não há biblioteca, os livros são grandes etc. Dessa forma, nossos professores não leitores formam alunos que se acostumam a sempre dar uma resposta quando lhes são perguntados por que não leem, e assim vão cultivando a falta de hábito e de gosto pela leitura.

É preciso registrar que, nesta pesquisa, a formação leitora a que nos reportamos é literária: leituras de narrativas curtas e/ou longas que muitas vezes são feitas de forma maçante e obrigatória pelos professores em espaços escolares rurais e urbanos, ou seja, é uma leitura obrigatória que tem por objetivo a avaliação. Em meio às inovações tecnológicas, nossos alunos leem muito, estão o tempo todo conectados às redes sociais, em cujo trânsito não somente tem que ler como também escrever. Mas será por que essas inovações ganharam espaço e atenção de nossos alunos em detrimento da leitura literária? Acreditamos que um dos fatores seja a utilização do impresso com o pretexto de dissecar o texto para avaliações e fichas de leitura, o aluno tem que provar que fez a leitura dentro de um prazo determinado pelo professor. As redes sociais trazem escrita e leitura com liberdade, sem censura, sem coerção e sem data limite.

Em uma pesquisa realizada no IEAT, por exemplo, um dos docentes afirma no questionário respondido: “confesso que o meu trabalho, inevitavelmente se volta para a realidade de cumprir programas e prazos, o que inviabiliza a realização de trabalhos voltados para a leitura.” Então, se o nosso aluno não desenvolve em casa o prazer da prática leitora e ao chegar à escola se depara com essas “leituras”, ficará ainda bem menos entusiasmado e não buscará maneiras de se construir um leitor literário.

Esse é um dos problemas mais debatidos pelos professores nos últimos tempos, logo nos surge a pergunta: o que fazer para incentivarmos e desenvolvermos práticas de leitura com

esses alunos no cotidiano escolar? Infelizmente, essa e muitas outras perguntas são bem complexas de se responder, pois no nosso ambiente de sala de aula existem situações completamente diferentes e que devem ser tratadas peculiarmente. Não podemos dizer, por exemplo, que as atitudes tomadas para melhoria das técnicas leitoras sempre são realizadas com sucesso, pois varia muito em relação às diversas realidades que vão aparecendo no dia a dia. O interessante seria o professor criar “condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.” (MARTINS, 1994, p.34).

Uma dessas realidades é saber lidar com as diferenças, sejam elas de gênero ou de classes sociais. Dentro de uma sala heterogênea existem alunos oriundos de culturas diferentes e uma das competências que exige esforço do professor, é pensar estratégias que visem o bem comum de todos, como a inclusão e o respeito.

Afirma Freire (1996, p.37):

Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho.

Sendo assim é necessário discutir os critérios de competência que devem abarcar a prática. Perrenoud (2000, p.23) discute novas competências que o professor deve dominar nas situações de ensino, uma delas, por exemplo, “é organizar e dirigir situações de aprendizagem”, ou seja, saber mostrar aos alunos que não existe apenas um caminho para se chegar ao conhecimento, é imprescindível dar voz a esses alunos, escutá-los, dialogar, discutir, provocar e mostrar que com leitura, pesquisa e dedicação eles poderão descobrir (ou construir!!!) inúmeros horizontes.

Outra competência do professor seria “trabalhar em equipe e fazer uso das novas tecnologias” (2000, p.79) quando possível: desenvolver projetos junto a outros professores é um ponto positivo que pode levar à transformação. O uso das novas tecnologias quando agregadas aos trabalhos de leitura são bem vindas à sala de aula. Quando os professores trabalham juntos e montam projetos interdisciplinares que envolvem esse tipo de ferramenta o desenvolvimento das atividades sempre é positivo. Bortoni-Ricardo (2010, p.52) nos mostra que essa concepção parte “de que todo professor deve ser professor de leitura, visto que ler faz parte da aprendizagem, devendo, por isso, fazer parte de todas as atividades”. Isto se realiza bem

porque os alunos acham prazeroso trabalhar em conjunto. Utilizar o celular para pesquisas ou para registros de atividades como postagem das leituras feitas, das adaptações e trabalhos realizados pelos estudantes faz com que a aula se torne mais dinâmica.

Competências como ser inovador, ético, distribuir valores, cumprir deveres e exigir direitos faz do professor um bom profissional e isso lhe dá o direito de reconhecimento, por isso é necessário assumirmos nossa identidade docente e desenvolvermos nossa criticidade, nosso espírito pesquisador, afetivo, competente, como também, sabermos dialogar com nossos educandos, só assim, é que poderemos ganhar a confiança e a troca mútua de experiências com nossos alunos dentro da sala de aula.

Valorizar o aluno dentro da sala de aula é muito importante, o diálogo, o respeito, a troca de confiança gera uma relação de aproximação mais concreta, o aluno espelha-se no professor e busca aperfeiçoar-se de maneira que as aulas vão sendo realizadas “as relações humanas que se constroem na dinâmica interativa e peculiar de cada instituição, movidas pelos processos de aprender e de ensinar, elementos essenciais ao papel da escola” (FRANTZ; RAUSCH, 2013, p.621) promove a integração afetiva em ambos. E essa afetividade leva os alunos a ficarem menos tímidos e se comunicarem mais; o diálogo é mais que uma relação de aproximação, pois o professor, ao dar voz a esses alunos, desenvolve uma postura dialógica e de comprometimento que ancorada a práticas concretas subsidia uma aprendizagem fértil.

O professor torna-se o agente dessa transformação e para construir práticas que incentivem os alunos a desenvolverem o gosto pela leitura é importante que ele provoque e instigue o imaginário desse leitor em formação, pois como Eliana Yunes (2009, p. 44) afirma: “a leitura não se constrói sobre o nada. Há algo que provoca o leitor, interessa-lhe, instiga-lhe um outro pensamento que lhe permite dar asas à imaginação”.

Logo, o professor sai do papel de transmissor de conhecimento - da leitura decodificada usada como pretexto - e se assume como construtor e mediador da leitura. O mediador de leitura deve ser amante do trato com o impresso, segundo Viccini (2011, p.03) “precisa transmitir a leitura de maneira prazerosa, encantando o participante que ali está, para que dessa forma ele sinta interesse em ler o que lhe é oferecido”, e assim, comece a pertencer ao maravilhoso universo da leitura. A leitura é algo encantador desperta no leitor que a vivencia paixão, sedução, anseios, e realizações.

2.3 INDÍCIOS DE FORMAÇÃO LEITORA

Formar leitores é muito difícil, mas o grande desejo do professor, principalmente o de Língua Portuguesa, é despertar em seus alunos o gosto pela leitura. Por isso, consideramos que o espaço escolar é um lugar que oferece inúmeras leituras, e o aluno tem a possibilidade de se inserir nesse meio. As salas de leitura, as bibliotecas, as salas de informáticas são aparatos que permitem aos estudantes desfrutarem de uma diversidade de leituras. Mas não valem por si sós: demandam sempre uma mediação efetiva.

E o professor torna-se o responsável por instigar a leitura de seus alunos e também por pensar estratégias de como inseri-los nesse mundo: “Os debates, a leitura crítica e comparativa de jornais, dramatizações, visitas a biblioteca, “conversas” com o autor do livro, são atividades para trabalhar o livro em sala, desenvolvendo no aluno a capacidade de pensar e crescer”. (SILVA, 2006, p.7). Mas para isso acontecer de verdade, o professor terá de cumprir a sua profissão, realizar o ensino com amor e com prazer, superar os desafios a cada dia e interagir dialogicamente com os seus alunos, pois estes terão o perfil que o professor quiser seguir dentro da sala de aula. Lembrando que para trabalhar a leitura é importantíssimo que busquemos metodologias que se aproximem da realidade do nosso sujeito leitor.

Ao observarmos o IEAT, espaço escolar de aplicação inicial do PIBID Letras/Língua Portuguesa, objeto da pesquisa em questão, no que diz respeito à leitura e à formação de leitores percebemos que cerca de 65% dos professores, não desenvolviam com seus alunos o prazeroso vício da leitura. Como sabemos, a cidade de Caetité é tida como “berço educacional” proposto pelo educador e filho desta terra Anísio Teixeira, mas como se vê muitas vezes essa educação não condiz com o sonho do escritor. Dados do SAEB¹ sobre leitura em todo o nordeste no ano de 2011(observe tabela abaixo) afirmam:

Tabela 8: TIPOS DE LIVROS LIDOS (2011)

INDICADOS PELA ESCOLA		LIVRE ESCOLHA	
Didáticos	0,94	Literários	0,21
Literários	0,13	Outros e Religiosos	0,71 ²

¹Sistema de Avaliação da Educação Básica: <http://portal.inep.gov.br/saeb> .

² Fonte: http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf

A leitura dos nossos alunos nordestinos ainda é bem precária e apenas 21% deles escolhem ler literatura por conta própria. Caetité não foge a essa realidade, os livros literários que os alunos pegavam na biblioteca eram meramente para cumprir o ritual de avaliação proposto pelo professor e que se referia ao conteúdo que estava sendo trabalhado naquela unidade. A biblioteca que existia na escola, apesar de ser composta por muitos livros didáticos, tinha um significativo acervo literário, mas que os alunos pouco conheciam. Na cidade há biblioteca pública e uma biblioteca móvel, mas poucos alunos tinham conhecimento disso e interesse por um envolvimento mais ativo.

Na verdade poucos eram os vestígios de leitura desses alunos, os livros que eles mais tinham acesso eram os livros didáticos. E a leitura que na maioria das vezes era trabalhada pelos professores também era feita nesses livros. Os professores não levavam para a sala de aula novas linguagens, como filmes e quadrinhos (PINA, 2014), abordando-os como instrumento de formação leitora ampla, e hoje para se trabalhar a formação de leitores é essencial que o professor tenha acesso a esse acervo educacional e que as domine bem: nesse meio tecnológico social em que a juventude está vivendo, o professor precisa se adequar às exigências da realidade.

E na prática leitora então é necessário:

[...] antes de iniciar qualquer estudo, deve-se despertar um profundo amor nos estudantes, procurando atraí-los, por meio da importância, da utilidade e do encanto pelo tema tratado [...] antes de mais nada, deve-se imprimir na mente dos estudantes uma ideia geral da arte ou da língua (ou seja, nada além de um resumo generalíssimo, mas cujas partes sejam bem definidas) antes de tratar o assunto em particular, para que o estudante perceba desde o princípio os limites e os confins do assunto e também sua estrutura interna. De fato, assim como o esqueleto é base de todo de uma arte são a base e o fundamento de toda a arte. (COMENIUS, 2002, p. 187-188)

Assim, expor o nosso estudante aos variados objetos de leitura, criando laços de afetividade entre eles, é a peça chave para a formação leitora. Para isso, o professor precisa construir amplo repertório leitor, incluindo livros, gibis, filmes, adaptações quadrinísticas de textos literários, jornais, revistas. Mas não basta “ter” esse repertório, é preciso torná-lo acessível ao aluno: contar histórias, provocando a curiosidade do estudante; solicitar quadrinizações de partes de narrativas; propor a recriação de cenas ou finais de histórias; incentivar a exposição oral de elementos interessantes de filmes; guiar, com comentários e debates, a leitura de filmes, contos, músicas etc.

Porém, isso muitas vezes funciona teoricamente porque na prática o professor tende a cumprir o que a grade curricular deseja, são conteúdos que devem ser aplicados dentro de um prazo determinado, cumprir notas, fechar a caderneta e verificar se o aluno “aprendeu” bem. No que diz respeito à compreensão leitora de nossos alunos:

É preciso enfatizar que a compreensão leitora se aplica a toda e qualquer linguagem, a qualquer prática cultural, a toda ciência e é tarefa das mais variadas disciplinas. Todo professor é um agente de letramento, é um mediador de leitura, uma vez que instrumentaliza seu aluno para que ele compreenda o objeto estudado e possa, eventualmente e dependendo do nível de estudo, interferir sobre ele. (PINA, 2013, p.52)

Mas o professor não está preocupado em atuar de acordo o novo ensino: interdisciplinar, instrumental, metodológico, que aplica as múltiplas linguagens, continua sendo conservador da educação bancária enfatizada por Paulo Freire, aquela educação voltada para o mero reproduzir, para o mero ensinar, que não passa de cumprir sua ‘obrigação’ e que não dá a sua profissão o verdadeiro valor, não dá sentido, não significa.

O professor não pode fazer de seus alunos objetos, é preciso que eles sejam sujeitos daquela ação e que no processo de letramento possam trabalhar juntos promovendo a educação problematizadora e firme. Existem inúmeras práticas como a cultura, a política, a sociedade, a realidade dos alunos, as classes sociais, as diferenças etc. que levam a promover a educação problematizadora. Basta que o professor desenvolva-a com aptidão, não deixando de estar atento e preparado aos desafios que aparecem constantemente.

Pina (2013, p.55) propõe que para nós professores desenvolvermos o ensino a partir do processo de letramento (leitura, escrita, problematização, compreensão, aprendizagem etc.) precisamos ser também leitores das linguagens do mundo, (seja ela verbal, imagética, corporal, etc.) e mostrar aos nossos alunos o caminho para isso:

Para que possamos formar docentes – leitores – que atuem com competência como agentes de um letramento crítico, numa perspectiva transdisciplinar, pondo em interação saberes e fazeres artísticos, documentais, científicos, filosóficos e educacionais, precisamos analisar as linguagens que engendram o mundo contemporâneo, discutindo a ordem discursiva com que são construídos fatos e situações, enfocando-as em sua historicidade e em suas interlocuções culturais. É necessário, ainda, que enfoquemos as práticas culturais que subjazem às várias sociabilidades típicas da região e as ações docentes históricas e atuais.

2.4 O PIBID

Com o PIBID não é diferente, o mediador de leitura objetiva a criação, a estratégia, o lúdico, como amante ele demonstra o seu gosto pela leitura, e inova a cada dia, leva um texto para a sala de aula e o lê com seus alunos de forma a fazê-los viajar. O interesse pela leitura, como afirma Jouve (2012, p.119), “decorre efetivamente tanto da descoberta de uma dimensão de nós mesmos até então inexplorada, como do sentimento de sermos confrontados com uma questão fundamental”, ou seja, o pibidiano junto com o professor supervisor traz a sua leitura de mundo para dentro da socialização e pede para que os alunos também a tragam, inventem, construam e como Freire aponta no verdadeiro ato de ler (1989): reconstruam, releiam, refaçam e compreendam aquilo que lhes é apresentado como novo. Para Costa (2007, p.113),

Um encaminhamento que propicia o melhor desempenho dos professores formadores de leitores consiste em intensificar a pesquisa no campo da leitura e da recepção de textos. Esse objetivo é sustentado pela crença de que não existe um bom docente em sala de aula se não o alimentar um pesquisador, isto é, se ele não for movido pela curiosidade e pela persistência em buscar descobrir o que ainda não conhece.

Em compensação, a leitura quando bem monitorada em sala de aula com os alunos promove mudanças significativas, assim podemos considerar o papel muito importante do mediador de leitura, aquele cujo referencial teórico é muito grande e dinâmico. O professor pode provocar os seus alunos, usando inúmeras linguagens para prender a atenção e para fazer com que os educandos criem expectativas de criação e reflexão numa perspectiva de aprendizado e de interação com o mundo. O aluno a partir dessa interação se vê como sujeito leitor, atuante e praticante.

No que diz respeito a ser agente no processo de formação de leitores é imprescindível que o pibidiano a cada dia aperfeiçoe a sua prática de leitura, exercendo o contato com a sala de aula do ensino básico e conhecendo as realidades de cada aluno, visando inserir estratégias inovadoras que façam com que o aluno se torne leitor e aprenda a ser leitor, o que só beneficia a prática docente. Ler é muito importante para nos formarmos pessoas críticas e atuantes.

Com o programa PIBID, o licenciando tem liberdade para inserir na aula do professor supervisor estratégias dinamizadoras como jogos, aplicação de oficinas, rodas de leitura, e isso faz com que o leitor se descubra como sujeito no mundo que está a sua volta. Como Yunes (2009, p. 58) esclarece:

Dentro e fora da escola, crianças e adultos, precisamos reaprender a ler, a reinventar a leitura. E o começo é perceber que não lemos palavras, lemos sequências nas quais as palavras se comunicam, se negam, se contradizem e nos surpreendem: espreitar suas relações, observar suas ambiguidades pode nos tornar mais perspicazes e sensíveis. Viver a aventura da palavra é viajar pelo tempo/espço da humana condição.

Assim, percebemos que ler não é somente decodificação dos códigos linguísticos para dar respostas prontas para questões coercitivas da capacidade reflexiva do estudante, tais como: o que diz o autor? Quem são os personagens do texto? Em que ano foi publicado? Qual foi o enredo? O clímax?

O mediador deve propor aos seus alunos uma leitura “viajante” que pegue carona nas entrelinhas do texto procurando significações, compreendendo realidades, fazendo inferências, comparando, discutindo, relacionando etc. Quando viajamos no mundo da leitura e descobrimos os inúmeros horizontes que ela tem a nos oferecer nos sentimos grandes e com asas para voar, a leitura é incansável e quando dialogada e partilhada experimentamos um novo mundo. Michèle Petit (2008, p. 43) afirma:

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita-se abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

No entanto, sabemos que para isso ocorrer vai depender muito de como é/foi/será a formação profissional do docente, se ele mobiliza saberes, se inova a sua prática na sala de aula, se é pesquisador e principalmente se ele se constrói como leitor.

Para isso foi realizado um questionário com alguns professores do IEAT, o qual fará parte também da análise do objeto, mas para enfatizarmos o dito acima percebemos que 30% dos professores entrevistados não realizam a prática leitora com seus alunos e isso é justificado quando eles afirmam que é preciso cumprir um cronograma, é preciso “dar conta” dos conteúdos, logo não “sobra” espaço para promover a leitura literária.

Infelizmente, hoje em dia, muitos professores estão em sala de aula repetindo o ensino imediatista, não buscam inovações e nem sequer mudam a sua preparação de aula e utilizam anos e anos o mesmo plano em turmas diferentes. Todavia, não devemos culpá-los somente, pois essa lacuna é decorrente de muitas licenciaturas que formam os professores não para atuarem na prática mas sim na teoria, e muitas vezes o que essa compreende não é o que a realidade da sala de aula brasileira oferece.

Dos docentes entrevistados, dois afirmam que são formados em Letras há mais de 25 anos e que a realidade que eles encontram na sala de aula todos os dias dificulta o seu trabalho, há muitas limitações. Segundo os PCN (1997, p.31) cabe ao professor “organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais”. Essa proposta é belíssima teoricamente, mas esbarra nas condições limitadoras vivenciadas por inúmeros docentes.

Então, percebendo que as licenciaturas não abarcavam o exercício docente e não articulavam a práxis com as instâncias pedagógicas, foi formulada uma nova LDB que promulgava projetos de formação docente inovadores. E nesse processo de transição o governo investe em programas que fomentam a ideia de uma formação continuada, esta permite aos discentes irem ao encontro da sala de aula nos primeiros anos de graduação favorecendo a sua prática ao realizar trabalhos individuais e coletivos junto ao professor regente e em constante diálogo com a escola. O aluno aprende a desenvolver habilidades e competências, como ser comunicativo, participativo, ter domínio de turma, e ter autonomia na sua prática.

Como afirma Nóvoa (1992, p. 26-27) as:

Práticas de formação contínua organizadas em torno dos professores individuais podem ser inúteis para a aquisição de conhecimento e técnicas, mas favorecem o isolamento e reforçam uma imagem dos professores como transmissores de um saber produzido no exterior da profissão. Práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores.

Nas universidades existem inúmeras ofertas de cursos de formação continuada para professores da escola básica em parceria com o MEC, FNDE, CNPq, CAPES, etc. Esses cursos são voltados para várias áreas do conhecimento e possibilitam ao professor fazer a graduação que deseja, se especializar e atuar profissionalmente. O Programa de Bolsa de

Iniciação à Docência (PIBID) que é o objeto da minha pesquisa é exemplo de formação continuada:

Tem sido uma aposta do governo federal para promover uma mudança de cultura da formação de professores no Brasil por envolver ações em prol da valorização e do reconhecimento das licenciaturas para o estabelecimento de um novo status para os cursos de formação e como política de incentivo à profissão de magistério. O programa tem por objetivo estimular a docência pelo fomento de ações a serem desenvolvidas nas escolas públicas da educação básica por alunos das licenciaturas em conjunto com os professores dessas instituições e os docentes das universidades. (GUIMARAES; PAREDES, 2012, p.266)

Mas como fica o processo das licenciaturas? Há alguns anos o governo dedicava pouquíssimos incentivos a programas de formação continuada para as licenciaturas. O que mais valorizava eram os cursos de bacharelados ou tecnológicos. Hoje, a situação tem tomado novos rumos, os órgãos governamentais como, por exemplo, a CAPES tem mostrado um maior interesse em desenvolver cursos de formação continuada para os licenciandos.

Nesses cursos, o graduando discute o seu exercício para que este possa produzir seu saber que é pautado no conhecimento e na experiência, para que, como afirma Correia e Santos (2013, p.07), o saber

Seja produzido a partir da prática, para prática, com a prática, e sobre a prática, pois a função do docente seria promover o ensino através da construção e reflexão coletiva, buscando construir e reinventar sua prática com referência em ações/experiências coletivas e individuais, suas e, de seus alunos, procurando refletir quanto aos dados empíricos de sua ação pedagógica, em conjunto com as produções teóricas/acadêmicas.

No âmbito da execução do PIBID/Letras Língua Portuguesa do DCH VI, essa reflexão coletiva se dá no momento em que nós bolsistas estamos reunidos para planejar as atuações em sala de aula, as reuniões teóricas, junto ao professor supervisor. As ideias vão surgindo, e a ação vai se concretizando: criamos jogos, preparamos rodas de leitura, discutimos como explicar um conteúdo etc.

Segundo Tardif (2008, p.36) “o saber docente pode ser definido como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, por saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma criação da CAPES-

Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior que tem por objetivo valorizar a formação inicial de professores nas instituições de educação superior. Assim, o licenciando recebe uma bolsa que viabiliza a sua manutenção na faculdade e isto permite que ele possa vivenciar o ambiente acadêmico e participar de projetos que inserem a educação básica.

Falar do programa PIBID hoje é missão honrosa, apesar de ser um programa novo já existem alguns estudos no Brasil que o qualificam como exemplo de curso de formação continuada, algumas pesquisas, por exemplo, revelam quanto as licenciaturas estão mudando a formação docente dos licenciandos a partir do projeto. Frantz e Rausch (2013, p.623) nos mostram que com este programa:

Busca-se estimular a integração da Educação Superior com a Educação Básica, estabelecendo projetos de cooperação que melhorem a qualidade do ensino nas escolas da rede pública, elevar a qualidade das ações pedagógicas voltadas à formação inicial de professores nas licenciaturas das instituições de Educação Superior e fomentar práticas docentes e experiências metodológicas de caráter inovador, bem como tornar a escola pública espaço de reflexão e crescimento na construção do conhecimento docente.

Assim, o licenciando vai se integrar ao meio escolar bem mais cedo, e essa experiência na sala de aula da educação básica será positivamente revertida para sua experiência profissional como futuro docente. É importante evidenciar também que o programa PIBID abarca bolsas não só para o aluno da graduação, mas para o Supervisor que é o professor da escola básica, e também para o coordenador de área que é o professor ligado à universidade. Esse grupo atua em conjunto desenvolvendo o projeto em questão, são reuniões teóricas semanais que tem por objetivo estudar teorias, discutir e refletir sobre a prática na sala de aula, levantar questões e analisar a realidade de cada turma e de seus respectivos alunos para assim, no planejamento projetar aquilo (aulas, oficinas, semanas educacionais, jogos etc.) que será efetivado em sala. Enfim, acreditamos que o Programa PIBID, é um ganho enorme para as universidades brasileiras e quando somados às trocas de experiências com a escola básica permitirá uma boa formação docente.

3. O PIBID E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DE LEITORES EM CAETITÉ.

O PIBID de Língua Portuguesa implantado em 2012 objetivava a inserção de bolsistas licenciandos na escola básica, mas também pretendia desenvolver um subprojeto voltado para os alunos da escola básica de forma a contribuir para o aprendizado desses alunos. O objetivo geral, aparente desde o título, era formar leitores na sala de aula sertaneja, esse objetivo contemplaria as diversas realidades que compõem as nossas salas de aulas. Os alunos do alto sertão são indivíduos que estão longe da capital e de outras cidades brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro, de onde vem os livros didáticos, em sua maioria. Em muitas regiões podemos perceber que os alunos só tem contato com livros didáticos e que o conteúdo que estes trazem está desvinculado da realidade que os alunos sertanejos vivenciam, por isso o desejo do subprojeto PIBID/ Letras Língua Portuguesa de Caetité é buscar estratégias que conduzam os alunos a participarem e conhecerem esse novo universo por meio da leitura .

Então, o projeto foi desenvolvido no IEAT com a participação de duas professoras supervisoras, vinte bolsistas e três coordenadores de área. Eles propunham diversas leituras as quais eram planejadas semanalmente, os bolsistas ID apropriavam-se do planejado e organizavam as intervenções, as quais eram aplicadas semanalmente. Nessas intervenções aconteciam oficinas de leitura, rodas de leitura, simulados, jogos, *stands* de leitura, participação em projetos da escola como feiras culturais, semana da consciência negra, preparação para o ENEM e vestibular etc.

A cada intervenção eram observados os resultados tanto para os bolsistas ID quanto para os alunos da educação básica, permanecendo sempre no foco principal a formação de leitores, e é claro que essas intervenções iriam refletir positivamente na formação de professores. Essa formação se dá por um processo cognitivo a cada dia e vai se aperfeiçoando com a prática. García (1999, p. 26) vem confirmar que

A Formação de Professores é a área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores - em formação ou em exercício - se envolvem, individualmente ou em grupo, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permitem intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem.

Por essas ideias, o PIBID dialoga com a formação de professores, os professores quando capacitados tem experiência ímpar para lidar com a sala de aula e buscar uma melhor educação para os seus alunos. Na formação de leitores, por exemplo, o professor conhece a sua turma e sabe qual estratégia dará certo para ser aplicada ali. E quanto à mediação da leitura ele proporá atividades lúdicas e prazerosas cativando para si o leitor e despertando nele o gosto pela leitura.

O PIBID dá espaço para os bolsistas, junto ao supervisor, levarem para sala de aula novidades e essas novidades despertarão a curiosidade desses alunos, logo, as aulas não serão mais monótonas e eles terão interesse em desenvolver as atividades propostas e quando trabalhado com a dinamicidade para a formação de leitores os alunos também terão mais vontade de ler.

As estratégias de leitura desenvolvidas pelo subprojeto PIBID buscaram entremear as relações dos alunos com as variadas leituras e principalmente com a leitura literária, pois como bem sabemos:

A leitura da literatura, quando feita prazerosamente, em exercício de liberdade imaginativa, produz um vínculo emocional forte entre o leitor e o texto. De certa forma, a leitura de um bom poema, conto ou romance pode fazer com que o leitor traga para si características e experiências que jamais poderia ter, não fosse a leitura. Isso enriquece a identidade do leitor e lhe confere uma nova “assinatura”, isto é, mais autonomia, mais confiança, mais criticidade. (PINA, 2014, p. 14).

É bem sabido que essas leituras levam o estudante a ter muitos “horizontes de expectativas” e esses, aliados a sua vivência e sua realidade, produzem um amplo conhecimento. O aluno precisa que lhe seja dado espaço para imaginação, para criação, é preciso que ele inter-relacione a sua vida com o mundo e assim além de construir a sua identidade pessoal, construa a sua identidade leitora.

3.1 O *CORPUS* DO TRABALHO: OS RELATÓRIOS DO PIBID

Observando que os cursos de licenciatura têm tomado novos rumos no que diz respeito à formação do professor, viemos por meio desta sessão discutir (analisar) como o PIBID está contribuindo para a formação docente dos licenciandos. Nesta pesquisa vamos fazer referência aos discentes de Letras Vernáculas e que por um determinado período foram

bolsistas desse programa no IEAT- Instituto Educacional Anísio Teixeira na cidade de Caetité.

Os colegas bolsistas nos deram a permissão para que os seus relatórios fossem analisados, mas para que haja sigilo sobre o nome dos autores optamos por nomear cada um com determinada letra do alfabeto (A,B,C,D,E). Então analisaremos três dos relatórios cedidos: A, B, e C, categorizados abaixo; citaremos alguns pontos dos que foram observados nos relatórios:

- I. Articulação do PIBID/escola;
- II. Reflexões sobre o PIBID/UNEB na sua trajetória de formação acadêmica;
- III. Como o PIBID tem influenciado na sua (auto)formação?

Para o bolsista ID, a escrita do relatório é um dos momentos do PIBID que mais nos faz refletir sobre a nossa prática em sala de aula, isso porque no momento em que somos contemplados com uma bolsa PIBID, nos vem a preocupação de como encararmos a realidade das nossas escolas, se não temos nenhuma experiência docente com a escola básica. E depois de um mês, três meses, cinco meses, precisamos sistematizar reflexões acerca da nossa atuação.

O bolsista B afirma isso em um dos seus relatórios:

O momento em que nós bolsistas dedicamos para a construção dos relatórios é importante e significativo, à medida que nós exercitamos a escrita e refletimos a nossa trajetória no PIBID. Nessa perspectiva, eu como universitária e participante do projeto, reflito e tento encontrar respostas para alguns questionamentos: Que posição eu ocupo hoje? Quem eu sou? O que eu preciso ser? Qual a minha contribuição para que os objetivos propostos no subprojeto sejam alcançados? Essas e outras perguntas me inquietam no meu dia-a-dia das participações nas salas de aula.

Assim, podemos justificar que o relatório é como se fosse um diário em que o sujeito confessa seus desafios e suas conquistas, relata as atividades desenvolvidas e observa quais delas deram certo, deram errado o que terá contribuído para o sucesso ou fracasso. Assim a cada escrita você vai se construindo, criando o perfil de um novo docente, e procurando criar estratégias do que trabalhar em sala com esse nosso novo aluno que tem um mundo tecnológico à frente e que muitas vezes se apresenta desinteressado da aula. Um dos nossos

bolsistas observa como os futuros professores que foram ou são bolsistas PIBID devem trabalhar a formação leitora e para isso discute no seu relatório que:

A relação PIBID- escola tem tamanha significação na formação dos futuros docentes de língua portuguesa no que diz respeito à apropriação de técnicas necessárias para a mediação e a provocação da leitura, com o objetivo de formar leitores pensantes e reflexivos (BOLSISTA A).

Nesse aspecto, podemos observar que a atuação do bolsista PIBID vai construindo o novo professor, aquele que se apropriará de novas estratégias para fazer sua aula se tornar mais dinâmica e atrativa de forma que os alunos consigam se envolver mais, e no que diz respeito à leitura, algo que hoje está sendo tão difícil de ser trabalhado em nossas salas de aula, o bolsista já pensa em técnicas mediadoras e provocadoras para a formação de leitores.

Segundo Valle essas estratégias:

São as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura proficiente. Sua utilização permite compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos e pretende despertar o professor para a importância em desenvolver um trabalho efetivo no sentido da formação do leitor independente, crítico e reflexivo. (VALLE *apud* SOLÈ, 1988. P.8).

Por isso é necessário observarmos a real importância do projeto PIBID numa licenciatura, uma vez que ele permite aos graduandos atuarem na escola básica e compreenderem a realidade das escolas públicas. O bolsista B afirma isso quando escreve:

Uma grande contribuição do PIBID foram os momentos de intervenção nas aulas, por ter me feito vislumbrar um mundo de muitas realidades, que às vezes compromete o educador a enfrentar uma série de desafios, frente a isso está o aluno motivado, esforçado, como também aquele que o professor precisa conquistar e ajudar a construir o seu motivo de estudar.

As intervenções preferidas pelos bolsistas ID foram as contações e recriações de histórias e a criação/aplicação de jogos, ilustradas por fotos feitas por uma das Supervisoras. O envolvimento prazeroso dos alunos é visível, os resultados foram discutidos nos relatórios. Observe alguns registros:



(Fonte: Maria de Castro)



Fonte: Maria de Castro)



(Fonte: Maria de Castro)



(Fonte: Maria de Castro)

O Bolsista C relata que teve facilidade na leitura dos textos teóricos, mas grande dificuldade em sua aplicabilidade em sala de aula, o que foi trabalhado nas reuniões de planejamento. O Bolsista A, em um de seus relatórios, aponta:

Com a volta às aulas, estamos iniciando os trabalhos no IEAT. Estarei atuando e desenvolvendo oficinas de Letramento com a ajuda da supervisora e planejamento das aulas que ocorrem, eficientemente, toda semana. Acredito que o envolvimento nas atividades do projeto é de importância máxima para a edificação acadêmica e docente.

As oficinas desenvolvidas traziam um caráter de exceção à obrigatoriedade cotidiana, era espaço de lazer, na ótica do estudante do IEAT, mas em cada oficina eram trabalhados conteúdos fundamentais para a formação leitora. O mesmo bolsista, diferentemente do colega, afirma: “A apropriação dos conceitos estudados ajuda, imensuravelmente, a desenvoltura na sala de aula, tanto como docente quanto discente.”

O PIBID colabora sim, para a formação docente, pois é uma prática que permite a reflexão e a ação do licenciando. Este observa a sala de aula, estuda e planeja junto ao professor supervisor as atividades que serão aplicadas, faz um balanço do resultado, sobre o que foi positivo e negativo, leva esse resultado para as reuniões teóricas que acontecem semanalmente, compartilha o que foi feito com os outros bolsistas, com os supervisores e coordenadores e reformula as intervenções, para isso as leituras teóricas e as discussões contribuem nessa reflexão e também na formulação de novas ideias. O bolsista A, em uma de suas anotações, afirma:

Lidar com os imprevistos, com o descaso para com a educação, a desvalorização do professor, o desrespeito em sala de aula e diversas dificuldades enfrentadas (ou não) diariamente, me faz refletir se vale a pena seguir nessa carreira, mas como diria Fernando Pessoa “Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena. Quem quer passar além do Bojador, tem que passar além da dor”. Ser professor é isso, passar além das dores e barreiras que surgem cotidianamente.

Podemos perceber como o bolsista se construiu leitor: ele é capaz de articular teoria e poesia, refletindo sobre a docência. Em suas oficinas, essa articulação tornou-se visível. Provavelmente, formou leitores.

O PIBID é um tipo de formação continuada, cujo objetivo é promover a superação de desafios pelos quais o professor tem de passar, esse programa vem aperfeiçoando a prática docente de

forma a permitir possíveis mudanças para a educação. Uma delas são os novos caminhos do ensinar: saber o que é ensinar, para quem iremos ensinar, quem é o nosso aluno, de que ele precisa etc, é tentar construir a nova *práxis*, a nova ação. Apesar de ainda se discutir muito sobre os benefícios da formação continuada, muitos estudiosos afirmam que quando bem executados os objetivos desse programa, se torna bom para o professor:

Entender e conscientizar de que teoria e prática são “dois lados da mesma moeda”, que a teoria o ajuda a compreender melhor a sua prática e a lhe dar sentido e, conseqüentemente, que a prática proporciona melhor entendimento da teoria ou, ainda, revela a necessidade de nela fundamentar-se. (CHIMENTÃO, 2009, p.5).

Assim, ampliando o dito acima confirmamos com o que o bolsista A defende em um de seus relatórios:

É, pois, a partir dessa prática embasada nas teorias estudadas que nasce um novo conhecimento e que modela e constitui um novo sentido para a minha (auto)formação docente. Um sentido que dialoga e concretiza a realidade concreta da prática com os princípios que lhes faz acontecer: as teorias. Então no instante da docência, percebo que não dá para separar teoria e prática, pois, mesmo a primeira sendo empírica, as duas se completam e faz com que aconteça o verdadeiro sentido de ser educador.

É isso que faz acontecer a mudança em nossas salas de aulas: levar para a nossa educação esses professores em formação que já estão construindo em si outra visão do que é o ensinar e buscar meios para transformar a realidade. Não podemos afirmar como muitos colocam que a educação no Brasil já é um caso perdido, pelo contrário, temos que mostrar que ainda há muito para fazer, é preciso pensar em como mudar esse tipo de situação, pois temos hoje muitos profissionais que reconhecem o valor do verdadeiro ensinar e buscam construir em sua escola uma educação melhor.

Dessa forma podemos analisar que os bolsistas ID, representados aqui por três colegas em diferentes relatórios, fomentam uma educação melhor, um novo ensino, uma nova escola com aulas dinâmicas e estratégicas e também afirmam que as práticas relacionadas ao projeto PIBID mostram resultados compensadores.

O projeto em questão foi desenvolvido com alunos do ensino fundamental II e médio do IEAT. Fizemos rodas de leitura, saco da leitura, leitura e dramatização, e o carrinho da leitura: um carro de supermercado repleto de volumes diversos como contos, crônicas, romances,

quadrinhos, fábulas, jornais, etc. com isso entrávamos em sala líamos um conto, dramatizávamos uma crônica, e oferecíamos livros aos alunos para que eles pudessem levar para casa e fazer a leitura, na semana seguinte voltávamos na sala e aplicávamos uma atividade ou ouvíamos os alunos sobre as leituras lidas.

Um dos nossos bolsistas fala dessa intervenção:

O projeto do PIBID tem o compromisso de levar aos alunos do Instituto Educacional Anísio Teixeira – IEAT- os mais diversos tipos e formas de leitura, para que cada um dos alunos envolvidos descubra suas leituras favoritas e usufrua das diversidades de textos oferecidos. O projeto é voltado para a leitura e busca-se despertar o gosto pelo ato de ler. Fazendo, para isso, um planejamento bem elaborado e que atendam as expectativas dos alunos, tanto no plano individual, como no geral. Assim, buscamos planejar aulas e oficinas dinâmicas, escolhendo diversos gêneros literários (textos curtos) para colocar no “carrinho da leitura”, fizemos dramatização, declamação entre outros meios de chamar a atenção para o prazer da leitura. Sentimos que as propostas de leituras foram bem aceitas, o que sinaliza ser um ‘mito’ os falares que afirma que os jovens não gostam de ler. (BOLSISTA A).

Observando o que o bolsista acima disse, podemos afirmar que o professor quando se preocupa com os seus alunos tende a buscar os melhores caminhos para que eles venham a ter uma boa formação e seja inserido numa melhor educação. Mais uma vez notamos a contribuição do PIBID na formação desse novo professor: “atualizado e bem informado, não apenas em relação aos fatos e acontecimentos do mundo, mas, principalmente, em relação aos conhecimentos curriculares e pedagógicos e às novas tendências educacionais”. (CHIMENTÃO, 2009, p.2). Assim, planejar e executar bem são ações que vem dar luz ao PIBID do IEAT em Caetité.

Concordamos com a Bolsista B: “o PIBID é mesmo um espaço de construção do conhecimento e do encontro dos diversos saberes”. Aqui em Caetité, por exemplo, a atuação dos Bolsistas PIBID vem mostrar isso. As várias estratégias (leitura, criação literária, jogos, etc.) utilizadas nos permitiam enxergar a diversidade cultural dentro de uma sala de aula, e também as diferenças que cada aluno trazia consigo uma atividade aplicada em uma determinada turma não daria certo se fosse reaplicada em outras turmas. Era necessário que pensássemos em novas estratégias, possibilidades que estariam mais próximas da realidade daqueles alunos. E é isso que o PIBID vem construir: um docente com um novo perfil, voltado para seus alunos, que os valorize, que se preocupa com a aprendizagem deles.

3.2 PROPOSTAS DE FORMAÇÃO LEITORA NO PIBID

Hoje conceituar quem é nosso leitor ficou muito complexo, porque as diversas formas de leitura que tem surgido tornou imenso esse universo. E para isso se faz necessário que o professor crie “condições para que se formem leitores de arte, leitores do mundo, leitores plurais, ou seja, é muito mais do que uma simples atividade inserida em propostas de conteúdos curriculares.” (MAIA, 2007, p. 77).

Apresentar a leitura dinâmica do mundo por meio da literatura é um processo e este deve estar vinculado a outros tipos de leitura, principalmente este tipo que engloba as novas tecnologias, porque o perfil leitor atualmente está sendo composto pelos jovens e adolescentes que convivem a todo instante com essas parafernálias tecnológicas (*tablets*, celulares, *smartphones*, computador, *internet*, etc.) e isso tem tomado o lugar do livro, ou melhor, tem criado novos lugares de leitura, por isso é preciso que o professor aprenda a usar as novas tecnologias a favor da formação leitora.

É importante que o professor seja mediador e continue mantendo as leituras bem presentes na vida desses jovens, é necessário também criar estratégias para aguçar o desejo de leitura do aluno, mantendo e fortificando assim a nossa cultura. O mediador de leitura deve:

[...] construir as pontes da provocação, não buscando respostas prontas e emblemáticas para questões superficiais, mas refletindo e fazendo seu outro refletir sobre a tessitura verbal e imagética que engendra cada obra impressa e suas relações intra e extratextuais, sempre tendo como referência que não há “o” sentido certo para o texto – a significação textual é histórica, no mínimo. (PINA, 2014, p.25).

Assim, o professor abrirá caminho para essas formas de leituras e contribuirá para o aprendizado de seus alunos. É preciso também que o professor desenvolva propostas de formação leitora, como por exemplo, preparar aulas atrativas e dinâmicas de forma a despertar o gosto leitor. Essas propostas podem se dar por meio de diversas estratégias como roda de leitura, saco de histórias, leitura dramática, oficinas, etc. Em cada atividade proposta deve se pensar qual o público alcançado e qual o perfil deste.

No caso da leitura de obras literárias deve-se ter muito cuidado ao se trabalhar, pois como é bem sabido, muitos professores as utilizam como pretexto avaliativo, ou seja, a leitura de uma obra literária é feita para se responder a provas e fichas de leitura, se torna obrigatório que os alunos leiam para ter a nota. A leitura literária deve fugir a esse pretexto, pois esse tipo de

leitura vai além de uma simples avaliação. Ler um romance, um conto ou mesmo um poema em sala de aula deve ser feito com o objetivo de comunicar e emocionar, isso acontece quando o aluno lê por prazer e consegue inferir dali as mais diversas reflexões. Segundo Colomer (2007, p.62):

A comunicação literária se produz desde o início e o que progride é a capacidade de construir um sentido através dos caminhos assinalados. [...] O trabalho escolar sobre as obras deve orientar-se, pois, para a descoberta do seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Tal recompensa é o que justifica o esforço de ler.

Nossos leitores hoje se apresentam desinteressados dessa leitura literária, mas o que acontece é que esse tipo de leitura não é trabalhado em sala de aula com o objetivo de despertar o gosto leitor e sim de continuar a reprodução da educação bancária que Freire (1987) discute. As obras literárias, por exemplo, tem que fazer referência ao período literário (barroco, romantismo, modernismo) que o professor estará trabalhando naquela unidade. E isso se torna cada vez mais maçante para estes estudantes que vêm para a escola em busca de novidades.

Saber ler com seus alunos e despertar neles o prazer pela leitura faz do professor um bom profissional e essa leitura deve se pautar no que Costa (2009, p.47) propõe: “ler é questionar o mundo e ser questionado por ele [...] está nessa troca, entre o sujeito e tudo o que está fora dele, o núcleo mais essencial da leitura enquanto ato social, não apenas enquanto aprendizagem de um código”. Assim se torna imprescindível que o professor busque propostas de formação leitora.

A roda de leitura, por exemplo, é uma boa proposta: o professor coloca os alunos sentados em círculo (nas cadeiras ou mesmo no chão) pega um livro espontaneamente e começa a leitura de um parágrafo, para e pede aos alunos que continuem lendo e passando de um para o outro, o professor atentamente vai parando a leitura e fazendo questionamentos, desde a capa do livro, o título, as cores utilizadas na apresentação da capa, o contexto etc., pedindo para que na leitura os estudantes relacionem o texto com suas experiências, referenciem um filme ou talvez uma música, um poema etc. Essa atividade foi repetida diversas vezes no IEAT e os resultados foram interessantes. O bolsista C registra: “Participar das rodas de leitura me fez reaprender a ler.” Para Yunes (2009, p.76),

Na proposta do círculo de leitura, alcançamos, por assim dizer, as segundas histórias, ou seja, um momento em que a recepção do texto não reflui a uma interioridade emotiva e de perplexidade apenas, amparada na voz do outro, mas aqui já se desdobra uma interatividade de ordem mais ampla entre o texto e diversos receptores, simultaneamente.

A leitura quando chega a esse aspecto não tem a intenção de cumprir uma avaliação e sim de propor reflexões e compreensões de mundo diferentes, a partir da visão dos alunos. Outra proposta significativa é a leitura de HQs, pois de pouco tempo para cá a literatura em quadrinhos veio fazer parte desse universo leitor (sala de aula), a antes em alguns livros didáticos apareciam tirinhas, charges, mas eram usadas como pretexto para ensinar a gramática.

Hoje as HQs se tornaram grandes aliadas na formação de leitores, pois traz uma infinidade de descobertas para o seu público leitor, além de aproximar o leitor do texto fonte ao qual foi adaptado. “Obras traduzidas ou adaptadas exercem importante função tanto na formação quanto no entretenimento do leitor jovem”. (CADEMARTORI, *apud* PINA, 2014, p.27). As cores, os balões, as onomatopeias, as vinhetas, os recordatórios são elementos dos quadrinhos que deixam o leitor apaixonado pelas descobertas leitoras que proporcionam.

Mas aí entra em cena o professor com seu papel do mediador que deverá conduzir o seu aluno a essa leitura sem deixar de contextualizar também a obra fonte. Pina (2014, p.37) nos propõe

ler, reler, transfer... A Literatura em Quadrinhos deve ser levada para a sala de aula com honestidade: é preciso mostrar ao estudante que aquela não é a obra original, é outra obra, que nasceu do prazer de ler de um indivíduo talentoso – ou de vários indivíduos talentosos.

Assim, esse leitor começará a entender as tramas que o ato de ler vai lhe proporcionar. São inúmeras as propostas de leitura que o professor pode levar para a sala de aula, inúmeros escritores como Yunes, Cardemartori, Costa, Pina, Lois escreveram verdadeiras obras que incitam o professor a levar inovações leitoras para a sala de aula, e mais, estimulam também o professor a criar estratégias de leitura. O importante é que o professor faça a mediação adequada, lembrando sempre que em meio às muitas turmas que trabalha uma estratégia nunca dará certo se aplicada em turmas diferentes com a mesma metodologia. “O professor deve poder adaptar seu trabalho para as diferentes realidades que vivencia” (PINA, 2014, p.31).

O PIBID é um ótimo espaço para se discutir esses aspectos e construir novas aprendizagens. O docente (supervisor) fala o perfil da sua turma e os alunos bolsistas junto aos coordenadores procuram meios para preparar a intervenção. O planejamento é importante porque permite aos bolsistas atuarem com mais tranquilidade e com mais confiança criando assim sua própria identidade.

3.3 PRÁTICAS DE FORMAÇÃO LEITORA: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta subseção traz a discussão a respeito de como as estratégias de leitura aplicadas pelos bolsistas IDs contribuíram positivamente para a formação leitora dos alunos do IEAT. Ao observarmos as atividades aplicadas e a boa receptividade que os alunos tiveram com a leitura e produção, podemos dizer que o PIBID é um programa que auxilia os professores a formar leitores.

Nos relatórios dos bolsistas aqui apresentados analisamos o dito acima a partir das descrições das práticas leitoras realizadas e do posicionamento desses licenciandos. Dentre as muitas atividades realizadas citaremos algumas de maior destaque que foram as oficinas de criação literária e o projeto do carrinho em movimento. As oficinas foram realizadas de acordo as inscrições por séries e cada serie tinha um tema específico. Um bom exemplo foi:

a primeira etapa da proposta de atividades direcionada ao ensino médio que consistiu em oficinas de redação. O primeiro encontro que tivemos com os alunos foi difícil, mas nos proporcionou muito aprendizado, uma vez que tivemos a oportunidade de realizar ações para um público mais maduro e crítico. Eles receberam bem a nossa proposta, opinaram e expuseram diversos pontos de vista acerca dos temas que levamos e possivelmente seriam temas de redação do ENEM. Após essa exposição de temas, realizamos em sala de aula a escrita das redações e conforme pedidos dos próprios alunos, um único tema foi sorteado na hora da aula. Notamos o interesse por parte da turma em participar da atividade ao nos relatar que haviam pesquisado sobre os temas durante a semana. As produções dos alunos foram excelentes e a proposta fez com que eles se aprimorassem no processo de escrita. A culminância desse trabalho se deu em um encontro promovido no campus VI da UNEB, onde os alunos presenciaram um discurso feito pelos coordenadores do projeto. (BOLSISTA C)

Nessa proposta buscamos trabalhar com a formação leitora vinculada também a produção escrita, como estava próximo ao vestibular e o Enem os alunos estavam nos cobrando uma oficina voltada para as redações. Então planejamos levar vinte possíveis temas para

vestibulares e Enem. Discutimos com eles em sala todas as temáticas, e pedimos que pesquisassem em casa a respeito. Eles fizeram leituras direcionadas, pesquisaram na *internet* e em revistas de atualidades, e em sala de aula novamente propusemos um debate, pois muitos assuntos eram polêmicos e divergiam as opiniões. Feito isso, sorteamos um tema e eles escreveram a respeito, recebemos os textos, corrigimos, e devolvemos numa próxima aula, aí finalizamos falando sobre o que eles poderiam melhorar na escrita da redação, e culminamos essa oficina no auditório da UNEB *campus* VI com a palestra sobre a redação no Enem e vestibulares, foi aberta a perguntas na qual os participantes puderam opinar e também tirar suas dúvidas.

Consideramos muito proveitosa essa oficina, pois além de objetivar a leitura, propusemos a reflexão e a escritura textual. Notamos um interesse favorável para a pesquisa e para a discussão, isso mostra que a leitura motiva também para outras atividades e que a leitura permite que essas outras atividades sejam realizadas com prazer. Assim:

À medida que um bom leitor descobre o significado literal de uma passagem, ele se envolve em vários passos, isto é, faz referência, vê implicações, julga a validade, qualidade, eficiência ou adequação das ideias, compara os pontos de vista de autores diferentes, aplica as ideias adquiridas às novas situações, soluciona problemas e integra as ideias lidas com as experiências prévias. A aprendizagem da leitura sempre se apresenta intencionalmente como algo mágico, senão enquanto ato, enquanto processo da descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso. (SILVA, 2006, p. 6).

Por conseguinte, podemos dizer que o trabalho com a leitura em sala de aula é muito importante para a formação desses sujeitos, não só como leitores, mas também como espectadores do mundo, ou seja, um sujeito que compreenda as dimensões leitoras e que saibam buscar nas entrelinhas do texto as significações para o mundo e para vida. Tendo em vista isso, pode-se ver que uma outra atividade muito produtiva na provocação leitora e que surgiram efeitos positivos foi o carrinho de leitura:

O carrinho da leitura foi outra atividade que começamos há pouco tempo e nasceu da ideia de nossos coordenadores e professora supervisora, com o objetivo de movimentar a leitura em toda a escola. Com este intuito, damos um tema para o carrinho “leitura em movimento”. Enfeitamos esse carrinho com papéis de jornais, gravuras, balões recortados com frases e livrinhos de cordel. Dentro dele colocamos vários livros como pequenos romances, literatura infanto-juvenil e gibis. Visitamos algumas salas para oferecermos os livros aos alunos e incentivar a leitura por prazer e não por obrigação. (BOLSISTA B)

Nessa atividade os bolsistas buscaram inovar a provocação leitora, um carrinho chamativo confeccionado com gravuras, papéis coloridos e jornais, balões, quadrinhos, etc. em suas bandejas (era um carrinho de distribuir merenda na escola e que foi reutilizado) colocaram variados livros e depois de planejada a estratégia entravam em sala com uma atividade (declamação de poesia, leitura de um conto, dramatização, indicação de um romance, contação de histórias, balões de poemas, etc.). Feito isso, ofereciam os livros para que os alunos pudessem pegar, levar para casa e fazer a leitura. Lembrando que não era uma leitura obrigatória e tão pouco para obtenção de notas, eram leituras livres, a escolha do aluno. Apesar da resistência inicial, os alunos acabavam se interessando e pegando um livro. O que pedia era que essa leitura fosse compartilhada com os colegas, seja por meio de cartas recomendando a leitura ou ilustrações.

Um dos bolsistas ID em seu relatório descreve uma dessas intervenções:

O projeto “leitura em movimento” foi desenvolvido e obtivemos ótimas referências. Dramatizamos o texto “A Última Crônica” de Fernando Sabino. Ao fim da apresentação conversávamos um pouco sobre o texto, passávamos as bandejas com os livros para que eles escolhessem, posteriormente pedíamos que depois de fazer a leitura, cada um deles escrevesse uma carta relatando suas impressões sobre a leitura. (BOLSISTA A).

Podemos perceber que essa foi uma atividade prazerosa tanto para os bolsistas ID, quanto para os alunos, pois além de promover a leitura permitiu construir uma relação de diálogo e de confiança. A leitura aproxima as pessoas, pois é nesse diálogo que compartilhamos de nossas experiências de vida e vamos constituindo-nos sujeitos. A leitura motiva, encanta, seduz, faz pensar, criar, e isso é o que vai constituindo um leitor de verdade. A relação professor-aluno contribui muito para que haja engajamento. Raimundo (2009, p.109) aponta que:

O professor deve interessar-se pelo seu aluno, tentar conhecer quais os contatos anteriores dele com a leitura, com os diferentes tipos de texto, suas diferentes experiências de leitura e conhecimento de gêneros literários, e enriquecer essas práticas com outras inovações. Torna-se mais fácil a indicação de livros por parte do professor, no sentido de ampliar o que já era conhecido pelos alunos e auxiliá-los em suas próprias escolhas. Não é obrigando o aluno a ler determinado livro que ele vai adquirir o hábito de ler. Na verdade, aluno deve ser preparado para o que deverá ler; tudo dever ter um objetivo claro, mesmo que este seja apenas o da fruição.

Por esses aspectos é que os bolsistas buscaram levar para a sala de aula do ensino básico estratégias motivadoras para as diversas leituras possíveis, as oficinas de criação literária ofereciam aos alunos participantes essas leituras. O Bolsista comenta:

O que foi realizado finalmente foram as oficinas de conto em algumas salas, eu participei da oficina ministrada em uma sala do primeiro ano, junto com mais dois colegas. Nesta oficina trabalhamos o conto “a infinita fiandeira” de Mia Couto. Primeiro distribuimos os contos em folhas xerocados e solicitamos que os participantes lessem individualmente; Após a leitura fizemos uma leitura coletiva, onde cada voluntário leu um parágrafo do texto, em sequência tivemos uma discussão sobre o conto, partilhada pelos alunos, depois discutimos os elementos da narrativa (enredo, personagens, tempo, espaço-lugar clímax etc.); Pedimos que em equipe eles identificassem estes elementos da narrativa no conto lido; Na aula seguinte eles fariam em grupo também, um painel usando a criatividade deles ilustrando os fragmentos que acharam mais interessantes no texto de Mia Couto. (BOLSISTA B)

Podemos perceber que essa atividade deu margens para que esses alunos pudessem se expressar à sua maneira, usar a sua criatividade, e também junto ao professor entender os elementos da narrativa, é interessante discutir esses elementos, para que na hora da produção ele registre um determinado momento do texto, por exemplo, ele pode escolher ilustrar ou o texto por completo ou apenas um fragmento que tenha sentido. O importante é que o aluno consiga produzir significação em cima do objeto lido e dialogue também com a leitura que o professor faz. Desta forma, como coloca Raimundo (2009, p.109):

O professor terá a oportunidade de crescer enquanto leitor, em uma troca benéfica entre os dois polos da sala de aula, criando um ambiente em que todos possam se expressar e comunicar suas próprias opiniões, sabendo que a leitura do professor não é a única “certa”, mas uma das possibilidades de leitura.

O professor não é dono do conhecimento, mas também não podemos tirar-lhe o mérito de possuir maior experiência. Na formação de leitores o seu papel não é repassar conhecimento, mas fomentar a mediação e aguçar a curiosidade de seus alunos para a descoberta de um novo mundo através da prática leitora. A essa mediação cabe ao professor planejar, e isso vem refletir diretamente nas propostas que o subprojeto PIBID - UNEB aplicado no IEAT vem propor. O subprojeto busca a formação de leitores por meio das intervenções dos bolsistas PIBID.

Não podemos nos esquecer da grande contribuição que os bolsistas de supervisão e de coordenação oferecem, pois eles auxiliam na discussão de ideias, na proposição de estratégias, na preparação de oficinas, além de orientar os bolsistas IDs como agir na prática do dia-a-dia da sala de aula. O bolsista de Supervisão conhece a sua turma, sabe das dificuldades e por isso tem uma visão panorâmica do que pode ou não dar certo numa intervenção e o bolsista de coordenação instiga com leituras teóricas as quais auxiliam na reflexão dessa prática. Por fim, vale salientar que o PIBID é um espaço de formação que reflete positivamente na atuação dos licenciandos permitindo que eles se formem profissionais competentes prontos para atuarem na prática.

4. Professores e leitores: Marcas do PIBID

Ao Investigar como o PIBID e as variadas estratégias de mediação da leitura aplicadas pelos bolsistas IDs nas salas de aula do IEAT propiciaram a formação do leitor e como essas experiências repercutiram positivamente na formação acadêmica dos graduandos bolsistas, pudemos compreender que de acordo com o que os bolsistas destacaram em seus relatórios sobre a formação docente, o PIBID foi um ganho enorme para as universidades, principalmente para as licenciaturas, porque o PIBID busca preencher uma das lacunas educacionais que é o contato dos graduandos como a sala de aula do ensino básico nos primeiros anos da graduação.

Quanto aos subprojetos desenvolvidos na escola básica, eles são formulados de acordo a necessidade que a escola apresenta. O subprojeto de Letras Língua Portuguesa, do *campus* VI, da UNEB, por exemplo, tinha como objetivo despertar o gosto leitor dos alunos do IEAT por meio de estratégias inovadoras e isso deixou muitas marcas positivas para os professores e leitores, ou seja, pelo período em que o projeto PIBID ficou no Instituto, pudemos perceber que as práticas leitoras dos professores, (no caso os supervisores) dos bolsistas de Iniciação à Docência e dos alunos atendidos pelo programa teve um grande avanço. As estratégias de leituras mediadas pelos bolsistas de iniciação à docência aguçaram a curiosidade dos alunos, e estes corresponderam com leituras significativas.

Os alunos, ao aceitarem a realização do projeto e corresponderem com o mesmo, intensificaram o desejo dos bolsistas de continuar a insistir com as propostas leitoras, e quando os alunos pegavam livros e compartilhavam as leituras feitas, para os bolsistas era um

momento muito feliz, pois podíamos acreditar que a sementinha plantada estava dando frutos. O projeto teve a duração de um ano e refletiu muito bem na vida de todos os envolvidos, aproximando o grupo ainda mais do impresso sem deixar de fora as novas mídias. Como se sabe, os livros:

[...]podem ser intrigantes, melancólicos, assustadores, e por vezes, complicados; partilham sentimentos e pensamentos, feitos e interesses; colocam-nos em outros tempos, outros lugares, outras culturas; colocam-nos em situações e dilemas que nós nunca imaginaríamos encontrar. Os livros ajudam-nos a sonhar, fazem-nos pensar. (SILVA, 2006, p. 3).

A leitura é uma “porta aberta para o mundo”, com ela podemos viajar inúmeros horizontes, buscar conhecimentos e enfrentar os desafios não esperados. E a relação professor-aluno sempre foi uma das formas de disseminar a leitura porque se o professor é leitor amante e o aluno percebe isso, ele também poderá ser esse leitor. É na relação dialógica que sempre acontece a interação e quando esta é voltada para a formação de leitores, aí as dimensões do processo vão surgindo.

Propor a leitura por meio de estratégias é papel importantíssimo do mediador, ele deve ser criativo, dinâmico, entusiasmado pelo verdadeiro ato de ler e sempre procurar despertar o gosto leitor de quem está a sua volta. Se bem sabemos, hoje em meio a tanta tecnologia está tão difícil encantar os nossos jovens para a leitura (literária), mas o PIBID (os subprojetos de cada universidade) veio de certo modo auxiliar os professores das escolas básicas a atuarem nesse cenário. Acreditamos que o desenvolvimento do subprojeto PIBID Letras Língua Portuguesa, da UNEB, *campus* VI, reflete positivamente essa questão. Primeiro porque o objetivo é exatamente aproximar os licenciandos dos alunos da educação básica; segundo, atuar de acordo a necessidade do alunado (nesse caso: instigar a leitura) procurando meios de tentar suprir essa necessidade; e terceiro preparar os bolsistas (seja professor ou graduando) para atuarem em outros cenários que não são atendidos pelo PIBID.

Acreditamos que essa seja uma reflexão positiva das marcas deixadas pelo PIBID, tanto para os professores quanto para os alunos, pois no que diz respeito à formação de leitores e as estratégias de leituras utilizadas, estas darão subsídios para o prosseguimento daquela, ou seja, o PIBID é um programa que prepara o professor para lidar com a sala de aula, e essa preparação não pode se resumir ao momento em que o projeto está sendo ou foi aplicado, é necessário levarmos essa experiência vida a fora, porque formar um leitor se pode em

qualquer lugar e qualquer momento, desde que exista um caminho de leitura e um ato de mediação. As estratégias são muitas, porém devemos refletir qual será adequada para o momento.

Diante disso, podemos dizer que as novas mídias não devem ser tiradas do aluno, isso só o afastará da leitura que nós professores queremos oferecer. O que é preciso somos nós professores sabermos lidar com essas novas tecnologias. Segundo Pina (2014, p.15):

O livro didático, o Tablet, a lousa virtual, enfim, os muitos suportes e as diferentes e novas tecnologias não são autossuficientes. Ao professor cabe, primeiramente, apropriar-se das estratégias desses instrumentos de ensino, para, em seguida, construir táticas que façam com que esses suportes interajam com os estudantes.

A palavra certa realmente é apropriar-se, saber lidar com essas novidades que aparecem a todo instante. O professor pode muito bem mediar uma leitura que esteja num *blog* ou numa página de *facebook*, ou pode solicitar que seus alunos façam alguma produção e postem na internet. Pode elaborar com os alunos até uma página que tenha como fundamento *posts* de leitura e que os alunos possam entrar nesse ambiente, postar leituras, ler, refletir, discutir com os colegas e com o professor etc.

Outras leituras também poderão ser feitas através da música, de reportagens, de histórias orais, um texto pode ser projetado num data show e ser acompanhado por um áudio, etc. inúmeras são as maneiras de se permitir a leitura, o importante é saber como lidar com ela, pois “Não se forma leitor entregando um livro ao aluno, abrindo simplesmente as portas da biblioteca ou dando o endereço de algum espaço virtual de livros gratuitos. A formação do leitor e o ensino da literatura dependem da ‘sedução’”. (PINA, 2014, p.15)

É preciso que seduzamos nossos alunos para a descoberta desse mundo prazeroso da leitura, senão as nossas salas de aulas não terão mais fundamentos e os professores ficarão no ritmo do mesmo ensino de sempre: fazer o que pede o livro didático, dar conta dos conteúdos propostos pela grade curricular e fazer as avaliações.

O PIBID é um modelo de formação continuada que surgiu exatamente para tentar cumprir um anseio da educação que é formar professores para atuar na prática da sala de aula. Dessa forma, as licenciaturas tem buscado fundamentar-se no projeto inicial do PIBID e vem criando um segmento que atenda aos desafios da escola. Vale salientar também que o PIBID é

um programa novo e que foi inserido nas licenciaturas há pouco tempo, por isso sempre é necessário que se reflita sobre o projeto e que se acompanhe a sua política de formação. Só assim é que as licenciaturas estarão cumprindo parte do seu papel na formação de professores.

Como as licenciaturas já estão propondo algumas mudanças para a formação de professores, estes devem buscar se aperfeiçoarem à medida que necessário, pois só assim estaremos tentando levar a mudança para as nossas salas de aulas com o anseio de conquistar nossos alunos pelo grande prazer de ler e assim poder afirmar que para professores e leitores o PIBID deixa grandes marcas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo compreender como o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) desempenhou o seu papel no que diz respeito à formação docente entre os licenciandos da UNEB, bem como na formação de leitores no Instituto de Educação Anísio Teixeira – IEAT. Partimos da análise de relatórios dos bolsistas de iniciação a docência que compreende o desenvolvimento das atividades do subprojeto de Letras Língua Portuguesa no período de 2012 a 2013.

O impacto que a atuação do programa tem deixado prevalecer nas escolas públicas, seja pela atuação do professor ou pela aprendizagem significativa do aluno, é o que nos tem mostrado os resultados positivos dessa pesquisa. Uma vez afirmado pelos bolsistas que o PIBID tem fomentado a sua formação acadêmica, podemos dizer que esse programa é um modelo de formação continuada, ou seja, permite que o licenciando se aperfeiçoe na prática para agir na prática. Assim, a experiência que o PIBID oferece não serve apenas para o momento em que o projeto está sendo desenvolvido nas salas de aulas, vai mais além, pois o professor poderá levar isso para a sua profissão futura e ir promovendo um ensino mais qualificado.

E no que diz respeito ao recorte dessa pesquisa compreendemos que o subprojeto desenvolvido vem propor estratégias de formação do leitor e que essas refletiram positivamente. Os bolsistas em seus relatórios afirmam que trabalhar com a leitura não é nada fácil, mas com determinação e ludicidade plantaremos uma sementinha. Ao levar estratégias que possam aguçar a curiosidade dos alunos estaremos cumprindo com o verdadeiro ato de ensinar, o que não podemos é cair na rotina de trabalhar só com o básico, pois a criatividade é

uma competência que o professor deve saber lidar e para formarmos leitores é necessário que produzamos também um ambiente acolhedor, prazeroso em que os alunos possam sentir desejo pela leitura.

No âmbito da leitura, o PIBID tem papel fundamental, uma vez que os bolsistas aprendem a elaborar e aplicar as estratégias de leitura. É preciso deixar claro que essas estratégias não são aplicadas sem que haja um fundamento, pois precisamos conhecer primeiramente o perfil de nossas turmas e a necessidade que eles estão tendo. Uma proposta aplicada em uma turma nunca poderá ser aplicada em outra turma sem que haja antes reflexão e reestruturação. É preciso reformular, acrescentar ideias, mudar estratégia, procurar leituras que sejam adequadas as competências dos alunos.

O *corpus* deste trabalho só veio afirmar a grande contribuição que o PIBID está oferecendo aos pibidianos: coordenadores, supervisores e bolsistas e a escola básica participante. Como Silva (2013, p.24) discute “o PIBID se preocupou em participar do cotidiano escolar, sobretudo, de criar o seu próprio espaço e, por meio de ações e atividades transformacionais realizadas nele, gerar mudanças nas demais esferas da comunidade escolar”. Por isso, o subprojeto PIBID Letras de Caetité aplicado no IEAT buscou cumprir esse objetivo e segundo o que coloca nossos bolsistas, a atuação só esta começando, e nosso anseio é que o PIBID aumente a esperança de se conquistar uma educação de qualidade para todos.

Como já dissemos a nossa pesquisa vem contribuir com os anseios da universidade, no sentido de exemplificar uma experiência positiva, mas não podemos deixar de colocar o desafio que foi produzi-la, por ser um programa novo e que ainda é pouco pesquisado sentimos a carência de teóricos que subsidiassem a nossa pesquisa. Mas por outro foi gratificante, uma vez que partimos da experiência dos pibidianos para relatar uma possibilidade de mudança. Acreditamos também que o PIBID é um modelo de formação continuada e que os objetivos que propõe têm muito a contribuir para a formação docente.

Nosso PIBID está fortemente ligado à formação do professor para a prática futura e principalmente no que infere o subprojeto, a formação de leitores, logo não podemos distinguir professores de leitores. A interação do professor-aluno no que diz respeito à formação leitora vem construir uma ponte para o aprendizado e como sabemos, a leitura nos faz viajar pelo mundo e nos constituir sujeitos.

Por fim, afirmamos que o PIBID só veio somar experiências para os bolsistas ID e refletir positivamente em sua prática futura, um bom professor constrói um ensino de qualidade e os alunos só têm a ganhar. Quando o professor trabalha com a leitura em sala de aula ele estará construindo os leitores do mundo e abrindo portas para o conhecimento. O PIBID é uma experiência que o licenciando - professor leva para a vida toda.

REFERÊNCIAS:

AMORIM, Antonio. **A Nova LDB, Lei nº 9.394/96-** Análise e Aplicação. Salvador, dezembro de 1997.

AZEVEDO, Rosa Oliveira Marins; GHEDIN, Evandro. **Formação inicial de professores da educação básica no Brasil:** trajetória e perspectivas. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 12, n. 37, p. 997-1026, set./dez. 2012

BERGER FILHO, Ruy Leite. **Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica em cursos de nível superior.** MEC, 2000.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história.** 11ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

CHIMENTÃO. Lilian Kemmer. **O significado da formação continuada docente.** 2009.

COLOMER, Tereza. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007

COMENIUS, Jan Amós. **Didática Magna.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CORREIA, Camila Rissari. SANTOS, Lorena Simões dos. **Contribuições do programa PIBID Linguagens a uma formação docente mais reflexiva dos licenciandos em Educação Física do CEFD-UFES.** VITÓRIA/ES 2013

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil.** Curitiba: Ibpex, 2007.

_____ **Literatura, leitura e aprendizagem.** 2. Ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

FEBVRE, Lucien. “Profissões de fé à hora da partida”. In: **Combates pela História.** Trad. Leonor M. Simões e Gisela Moniz. 2. Ed. Lisboa, Presença, 1985. P. 249

FRANTZ, Matheus Jurgen; RAUSCH, Rita Buzzi. **Contribuições do PIBID à formação inicial de professores na compreensão de licenciandos bolsistas**. Universidade Regional de Blumenau – FURB ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO - PPGE/ME ISSN 1809-0354 v. 8, n. 2, p.620-641, mai./ago. 2013 DOI 10.7867/1809-0354.2013v8n2p620-641

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Tradução Isabel Narciso. Porto: Porto Editora, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo Atlas, 2002

GUIMARÃES, Orliney Maciel PAREDES Giuliana Gionna Olivi e. **Compreensões e Significados sobre o PIBID para a Melhoria da Formação de Professores de Biologia, Física e Química**. Química Nova Na Escola, Vol. 34, N° 4, p. 266-277, 2012.

IEAT, Projeto: **IEAT, 50 Anos De Educação**. Caetité, 2012

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

LAJOLO, Marisa **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, SP: Ática, 2004.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MENDES, Bárbara Maria Macêdo. **Formação de professores reflexivos: limites, possibilidades e desafios**. Linguagens, Educação e Sociedade. Teresina n. 13 (37 – 45) jul./dez. 2005.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu funcionamento**. 4. Ed. Campinas: Pontes. 1996.

PERRENOUD, Philippe. **Dez Novas Competências Para Ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **A literatura em quadrinhos formando leitores hoje**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

_____. Leitura e Formação Docente. In.: PINA, Patrícia Kátia da Costa; BUENOS AIRES, Diógenes (orgs.). **Letras em Revista**, v. 3, p. 43-56, 2013.

RAIMUNDO, Ana Paula Peres. **A mediação na formação do leitor**. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 107-117.

SANTOS, Fábio Josué; SANTANA, Maiane S. Silva. **A pesquisa na iniciação à docência: um estudo sobre o PIBID na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB**. In: I Encontro PIBID UFSCar (Iniciação à Docência e Formação Continuada de Professores), São Carlos-SP, UFSCAR, 2010.

SCHEIBE, L. **Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo plano nacional de educação**. *Educ. Soc.* [online]. 2010, Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 112, p. 981-1000, jul.-set. 2010.

SILVA, Karine Dourado. **PIBID X Estágio Obrigatório: A Importância da Pesquisa-Ação**. UnB, Brasília, 2013

SILVA, Maria Ângela Garghetti. **Leitura em sala de aula**. UNC: Florianópolis, 2006

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Ed.9, 2008

VALLE. Maria de Jesus Ornelas. **A formação do leitor competente**. Estratégias de Leitura Altônia, PR.

VICCINI, Carla Gabriele. **Professor mediador, aluno leitor**. Curitiba: UTFPR, 2011.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymar, 2009.

HISTÓRICO DA CAPES: Disponível em < <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao> > Acessado em 01 04 2013.